



# Mulheres no Mercado de Trabalho

**Distrito Federal**

Março/2009

## **RELAÇÃO FAMÍLIA E TRABALHO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO: A INSERÇÃO DE CHEFES E CÔNJUGES NO MERCADO DE TRABALHO DO DF**

*Diversas têm sido as abordagens sobre a crescente presença feminina no mercado de trabalho, ampliando nosso conhecimento sobre as características e tendências dessa inserção sob a perspectiva individual e de gênero. Assim, constatou-se que o aumento da participação das mulheres no mundo do trabalho nas últimas décadas, em especial a partir dos anos 90, veio acompanhado por um maior desemprego em relação aos homens e, quando ocupadas, inserem-se principalmente em atividades nos Serviços, em ocupações reconhecidas como tipicamente femininas, com menor proteção legal e com rendimentos inferiores aos dos homens. Paralelamente, observa-se paulatina ampliação do contingente de mulheres ocupando cargos antes reconhecidos como masculinos, tais como os de gerenciamento e chefia.*

*No esforço de melhor compreender essa inserção, esse boletim procura observar a relação das mulheres com o mercado de trabalho a partir das distintas conformações que a família pode assumir e a sua posição na família<sup>1</sup>, destacando as situações entre as chefes que moram sozinhas, aquelas que tenham filhos e não tenham cônjuge<sup>2</sup> com quem possam dividir as responsabilidades e as cônjuges em casais sem ou com filhos.*

*É relevante observar que as mudanças recentes no mundo do trabalho afetaram a relação família-trabalho, na articulação de seus membros para a atividade produtiva remunerada e na organização da subsistência do grupo, no esforço coletivo da sobrevivência imediata e na superação e melhoria das condições de vida. É nesse contexto que se observa maior permanência dos jovens na escola e o declínio de sua participação no mercado de trabalho e o respectivo crescimento entre as mulheres chefes e cônjuges.*

*O objetivo desse estudo é observar como o tipo de arranjo familiar influencia a inserção de mulheres cônjuges e chefias femininas no mercado de trabalho, a partir da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego, no Distrito Federal no biênio 2007/08.*

---

<sup>1</sup> Na prática, as relações familiares que ocorrem com o advento da inserção feminina, em especial a da cônjuge, não assumiriam formas conciliatórias e sim de conflito, na medida em que as incumbências familiares e domésticas permanecem, de forma geral, com a mulher. Ainda, com a expansão da presença feminina em profissões de nível superior e em cargos executivos, um novo modelo surge e se sobrepõe ou substitui o primeiro, que é o de delegação desses encargos a outras mulheres. Hirata, H., Kergoat, Daniele. “Novas Configurações da divisão sexual do trabalho”. Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, p. 595-609, set/dez. 2007.

<sup>2</sup> Note-se que, a partir da base de dados utilizada, não existe, necessariamente, consangüinidade entre as cônjuges ou chefes mulheres e os filhos residentes, uma vez que podem ser seus enteados, filhos adotivos ou de criação.

## **A inserção feminina no mercado de trabalho em 2008 – Principais Resultados**

As mulheres possuem uma elevada presença no mercado de trabalho do Distrito Federal. Entre 2007 e 2008, a taxa de participação feminina passou de 59,4% para 60,2%, perfazendo um aumento de 1,3%. Entre os homens, a taxa de participação manteve-se praticamente estável nesse mesmo intervalo de tempo, assinalando, em 2008, o percentual de 71,4%.

Desde 2004 a taxa de desemprego no Distrito Federal vem registrando uma trajetória declinante. Entre 2007 e 2008, em particular, tal taxa decresceu de 17,7% para 16,6%. A taxa de desemprego feminina assinalou a mesma tendência no período em tela, alcançando o patamar de 19,8% em 2008. Porém, em termos de gênero, percebe-se que esta diminuição se deu em ritmo diferenciado. Enquanto os homens registraram uma queda de 6,8 pontos percentuais (de 20,2%, em 2003, para 13,4%, em 2008), as mulheres contabilizaram uma redução de 5,9 pontos percentuais (de 25,7%, em 2003, para 19,8% no ano passado). Tal descompasso resultou, em 2008, na maior diferença relativa entre as taxas de desemprego masculina e feminina desde o início da série histórica da PED, em 1992.

O declínio da taxa de desemprego feminina entre 2007 e 2008 deveu-se ao aumento do nível ocupacional das mulheres (5,8%) em ritmo superior ao verificado pela População Economicamente Ativa feminina (4,4%). A mesma tendência foi verificada entre os homens.

O crescimento do nível ocupacional entre as mulheres foi de 5,8% em 2008, menor do que o verificado entre os homens, 6,3%. A ocupação feminina apresentou crescimento em todos os setores de atividade, a exceção da construção civil que assinalou uma estabilidade. No entanto, a inserção da mulher no mercado de trabalho do Distrito Federal ainda se dá prioritariamente através do setor de serviços.

Entre 2007 e 2008, o rendimento médio real por hora das mulheres apresentou variação positiva de R\$ 7,91 para R\$ 8,36, perfazendo crescimento de 5,6%. Não obstante tal comportamento, houve uma ampliação da distância entre os rendimentos masculino e feminino. Este representava, em 2007, 76,9% do rendimento médio real por hora dos homens, passando, em 2007, para 76,5%.

## Perfil das famílias do Distrito Federal<sup>3</sup>

1. Ao longo das últimas décadas, o Brasil tem apresentado uma trajetória declinante no número médio de pessoas por família, assim como uma redução do número médio de filhos, em decorrência, de um lado, da diminuição da fecundidade e, de outro, da expansão de famílias com chefes sem cônjuge e de pessoas que moram sozinhas. No Distrito Federal, os dados da PED apontam que, em termos médios, no biênio 2007/2008, o número de filhos por família era de 1,4 (Tabela 1).
2. No Distrito Federal, o arranjo familiar predominante ainda é a família considerada tradicional (também denominada nuclear), composta por um casal (54,0%); sendo que, nesse caso, o mais comum são os casais com filhos (43,1%), do que os sem filhos (10,9%) (Tabela 1).
3. As famílias monoparentais, ou seja, aquelas compostas por chefes sem cônjuge com filhos, representavam 14,8% dos arranjos familiares do Distrito Federal, sendo que, deste total, a grande maioria eram famílias chefiadas por mulheres (91,6%).
4. No período em análise, 11,4% das pessoas moravam sozinhas no Distrito Federal, sendo que destas, 6,0% eram mulheres e 5,4%, homens.
5. Os arranjos familiares nucleares, independentemente da presença ou não de filhos, ainda consideravam como chefes, praticamente de forma generalizada, os homens. No caso dos casais com filhos, os homens eram chefes em 98,8% das famílias, enquanto que, no caso dos casais sem filhos, 98,5% possuíam chefia masculina.
6. No Distrito Federal, no biênio 2007/2008, 19,8% das famílias contavam com a presença de outros parentes, sendo que na maior parte dos casos analisados tais famílias possuíam a chefia masculina (11,0%) ao invés da feminina (8,9%).

---

3 A PED considera família os moradores de um mesmo domicílio, definidos pelas relações – nucleares (casal), primárias (pai, filho, irmão, etc.) e/ou secundárias (tio, sobrinho, primos, etc.) – que estabelecem entre si relações que podem ser de parentesco, afinidade ou de dependência social e econômica com o chefe de domicílio (definição autotaxiônica). É predominante a correspondência entre unidade familiar e domiciliar (cerca de 98% dos domicílios, em 2000/01 eram constituídos por uma só família).

**Tabela 1**  
**Distribuição das Famílias e Número Médio de Filhos, segundo Tipo de Arranjo Familiar e**  
**Sexo do Chefe da Família**  
**Distrito Federal**  
**2007/2008**

Tipo de Arranjo Familiar	Distribuição (em %)		Número Médio de Filhos <sup>(2)</sup>
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>1,4</b>
Chefe Mulher	29,1	29,1	1,3
Chefe Homem	70,9	70,9	1,4
<b>Casal com Filhos <sup>(1)</sup></b>	<b>43,1</b>	<b>100,0</b>	<b>1,9</b>
Chefe Mulher	0,5	1,2	1,9
Chefe Homem	42,5	98,8	1,9
<b>Casal sem Filhos <sup>(1)</sup></b>	<b>10,9</b>	<b>100,0</b>	-
Chefe Mulher	0,2	1,5	-
Chefe Homem	10,8	98,5	-
<b>Chefe sem Cônjuge com Filhos <sup>(1)</sup></b>	<b>14,8</b>	<b>100,0</b>	<b>1,8</b>
Chefe Mulher	13,5	91,6	1,9
Chefe Homem	1,2	8,4	1,6
<b>Pessoa que Mora Sozinha</b>	<b>11,4</b>	<b>100,0</b>	-
Chefe Mulher	6,0	52,6	-
Chefe Homem	5,4	47,4	-
<b>Demais</b>	<b>19,8</b>	<b>100,0</b>	<b>1,4</b>
Chefe Mulher	8,9	44,6	1,4
Chefe Homem	11,0	55,4	1,5

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

(1) Excluídas as famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) Inclusivas as famílias sem filhos.

### ***A participação das mulheres chefes e cônjuges com filhos pequenos no mercado de trabalho***

7. Nas famílias nucleares com filhos, a taxa de participação das cônjuges foi de 65,5%, não se constatando alterações expressivas conforme o número de filhos: 65,4% para aquelas com um filho e 65,5% para aquelas com dois ou mais filhos (Tabela 2).

8. Nesse tipo de arranjo familiar, a taxa de participação das cônjuges foi menor naquelas famílias com filho de até um ano de idade (59,6%). Nas famílias com filho entre um ano e cinco anos de idade e com filho acima de cinco anos de idade a taxa de participação foi de 72,2% e 64,3%, respectivamente.

9. Os dados da PED mostram que, na comparação com as cônjuges de casais com filhos, as mulheres chefes de família sem cônjuge e com filho apresentavam uma maior taxa de participação: 70,2% contra 65,5%. Nota-se ainda que o maior número de filhos torna a presença da mulher pertencente às famílias monoparentais no mercado de trabalho mais freqüente do que aquelas pertencentes à arranjos familiares nucleares.

10. A maior taxa de participação foi encontrada entre as chefes femininas sem cônjuge e com filhos, independentemente da idade destes. Muito provavelmente, tal situação decorre da maior responsabilidade que as mulheres com filhos e sem cônjuges possuem pelo sustento da família.

11. A elevada taxa de participação das chefes de famílias monoparentais requer uma atenção especial do setor público no sentido de ampliar o acesso deste estrato da população às creches e à educação infantil. Assim sendo, é possível oferecer melhores condições de vida a essas mulheres que muitas vezes recorrem aos serviços de particulares ou de estabelecimentos de ensino privados para cuidarem dos seus filhos e, dessa forma, viabilizar a sua reinserção e permanência no mercado de trabalho.

**Tabela 2**  
**Taxas de Participação das Cônjuges e Chefes Mulheres, por Número de Filhos Residentes e Faixa Etária do Filho Mais Novo, segundo Tipo de Arranjo Familiar**  
**Distrito Federal**  
**2007-2008**

	Número de Filhos			Faixa Etária do Filho Mais Novo			
	Total	1 Filho	2 Filhos ou Mais	Total	Até 1 Ano	Mais de 1 até 5 Anos	Mais de 5 Anos
Cônjuges e Chefes Mulheres <sup>(1)</sup>							
<b>Taxa de Participação</b>							
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	65,5	65,4	65,5	65,5	59,6	72,2	64,3
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos	70,2	65,2	74,2	70,2	81,7	88,1	67,1

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

**Nota:** Exclui as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Exclui as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

### ***A condição de atividade do chefe masculino e a taxa de participação das cônjuges***

12. Há uma estreita relação entre condição de atividade da chefia masculina e a taxa de participação das cônjuges: esta tende a ser maior nos casos em que os chefes de família se encontram desempregados. Tal situação torna-se mais evidente nas famílias sem filhos (78,4%)

do que àquelas com filhos (74,2%). Nas famílias cujos chefes estão ocupados, as taxas de participação das cônjuges são inferiores: 68,1% no caso da cônjuge no casal com filhos e 74,8% no caso da cônjuge no casal sem filhos (Tabela 3).

13. Nas famílias nucleares onde a chefia masculina encontrava-se na inatividade percebe-se que há uma menor inserção das cônjuges no mercado de trabalho independentemente da presença ou não de filhos, como pode ser visto na tabela 3. De qualquer sorte, nesse caso, a cônjuge no casal sem filhos possui uma taxa de participação bem inferior (24,1%) àquela pertencente a um casal com filhos (42,7%).

14. Vários estudos têm apontado para uma tendência de aproximação entre as taxas de participação das cônjuges com chefes ocupados e desempregados, tanto para aquelas com filhos, quanto para as sem filhos<sup>4</sup>. Possivelmente, tal aproximação expressa, dentre outros fatores, o movimento das mulheres em busca de maior autonomia e realização profissional, reflexo de mudanças culturais na sociedade e, também, a necessidade mais imediata de aumento ou manutenção do rendimento familiar, considerando-se a condição de atividade do chefe e seus rendimentos.

**Tabela 3**  
**Taxa de Participação das Cônjuges Mulheres, por Condição de Atividade do Chefe**  
**Homem, segundo Tipo de Arranjo Familiar**  
**Distrito Federal**  
**2007-2008**

Cônjuges Mulheres <sup>(1)</sup>	Em porcentagem			
	Condição de Atividade do Chefe Homem			
	Total	Ocupado	Desempregado	Inativo
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	65,5	68,1	74,2	42,7
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos	63,5	74,8	78,4	24,1

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

**Nota:** Excluídas as cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Excluídas as cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

<sup>4</sup> Ver especialmente “Arranjo Familiar e inserção feminina no mercado de trabalho da RMSP na década de 90”, *Boletim Mulher & Trabalho*, nº 10. São Paulo. Fundação Seade. Dezembro de 2002.

## **Posição na ocupação das mulheres cônjuges ou chefes**

15. A forma de inserção ocupacional mais comum no mercado de trabalho no Distrito Federal entre as mulheres, chefes ou cônjuges, com ou sem filhos, no biênio 2007/2008, era o **assalariamento**. A preponderância das relações de trabalho assalariadas era mais evidente entre as mulheres que moravam sozinhas (65,4%) e entre as cônjuges em casais sem filhos (64,5%) (Tabela 4).

16. Nas famílias nucleares com filhos, a segunda forma de inserção no mercado de trabalho mais freqüente era o **trabalho autônomo** (18,4%), ao passo que entre as famílias nucleares sem filhos sobressaía-se o **trabalho doméstico** (15,0%).

17. Em arranjos familiares cuja chefia é feminina, sem a presença de cônjuge e com filhos, vê-se um elevado percentual de trabalhadoras domésticas (23,6%), aparecendo como a segunda forma de inserção mais típica entre estas mulheres.

**Tabela 4**  
**Distribuição das Famílias com Chefia Feminina ou Cônjuge Feminino Ocupadas,**  
**Por Posição na Ocupação da Chefe ou Cônjuge, segundo Tipo de Família**  
**Distrito Federal**  
**2007-2008**

Cônjuges e Chefes Mulheres	Em porcentagem										
	Total	Assalariada						Autô-noma	Empre-gadora	Empregada Doméstica	Demais
		Setor Privado					Setor Público				
		Total	Total	Com Carteira Assinada	Sem Carteira Assinada	Total					
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos <sup>(1)</sup>	100,0	57,6	32,1	27,4	4,7	25,5	18,4	5,0	15,4	3,7	
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos <sup>(1)</sup>	100,0	64,5	41,2	35,2	6,0	23,3	12,4	- <sup>(2)</sup>	15,0	- <sup>(2)</sup>	
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos <sup>(1)</sup>	100,0	55,7	30,1	25,6	4,6	25,5	16,7	- <sup>(2)</sup>	23,6	- <sup>(2)</sup>	
Mulher que Mora Sozinha	100,0	65,4	32,3	26,8	- <sup>(2)</sup>	33,0	12,9	- <sup>(2)</sup>	16,7	- <sup>(2)</sup>	

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

**Nota 1:** A posição na ocupação não é a usualmente divulgada na PED - São Paulo. Uma parcela de autônomas e de empregadoras passaram a ser consideradas como donas de negócio familiar, que nesta tabela estão incluídas na categoria demais.

**Nota 2:** Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

### **A taxa de desemprego das mulheres cônjuges e chefes de família**

18. Nas famílias nucleares com filhos, a taxa de desemprego das cônjuges era de 17,1%. Levando-se em consideração o número de filhos, percebe-se que nas famílias com um filho a taxa de desemprego da cônjuge era de 18,4%, reduzindo-se para 16,3% no caso daquelas com dois filhos ou mais (Tabela 5).

19. Nessas famílias, a idade do filho caçula parece influenciar as chances de inserção da mulher no mercado de trabalho, seja por tornar a procura por trabalho mais seletiva (privilegiando, por exemplo, postos de trabalho mais próximos da residência ou com jornada de trabalho flexível), seja pelo fato dos empregadores preferirem trabalhadoras com filhos maiores. Com efeito, a taxa de desemprego das cônjuges cujo filho mais novo tinha até 1 ano era de 25,9%, aquelas com filho caçula com mais de 1 ano até 5 anos era de 23,0%, reduzindo-se sensivelmente no caso das cônjuges com filho mais novo com mais de 5 anos de idade, 12,7%.

20. As mulheres chefes sem cônjuge e com filhos, por sua vez, possuíam uma taxa de desemprego de 12,7% no biênio 2007/2008, sendo que esta taxa não sofria alterações muito expressivas quando analisada sob a ótica do número de filhos. Como, na maior parte dos casos, o sustento dessas famílias depende da inserção feminina no mercado de trabalho, a mulher chefe sofre maiores constrangimentos no sentido de optar por determinados tipos de postos de trabalho que em outras circunstâncias não aceitariam. Isso explica a sua menor taxa de desemprego em comparação com as cônjuges pertencentes às famílias nucleares.

**Tabela 5**  
**Taxas de Desemprego das Cônjuges e Chefes Mulheres, por Número de Filhos Residentes e Faixa Etária do Filho Mais Novo, segundo Tipo de Arranjo Familiar**  
**Distrito Federal**  
**2007/2008**

Cônjuges e Chefes Mulheres <sup>(1)</sup>	Em porcentagem						
	Número de Filhos			Faixa Etária do Filho mais Novo			
	Total	1 Filho	2 Filhos ou Mais	Total	Até 1 ano	Mais de 1 até 5	5 Anos e Mais
<b>Taxa de Desemprego</b>							
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	17,1	18,4	16,3	17,1	25,9	23,0	12,7
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos	12,7	11,5	13,6	12,7	- <sup>(2)</sup>	- <sup>(2)</sup>	11,3

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

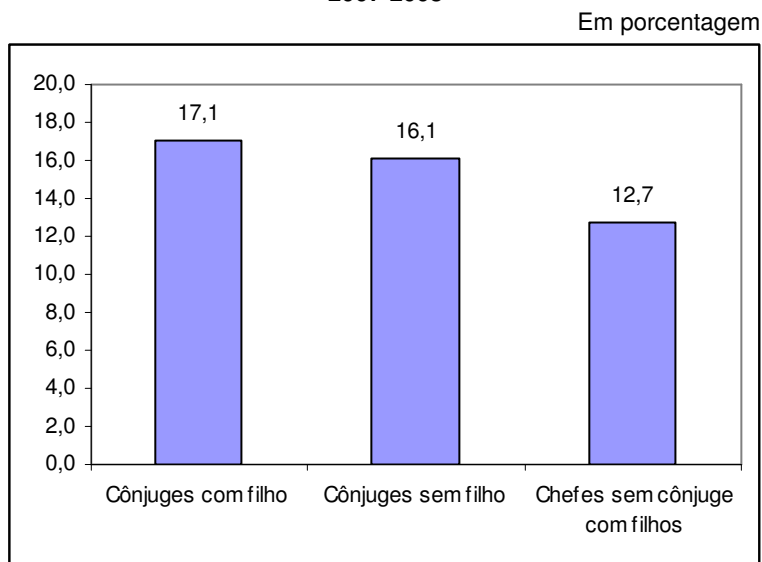
**Nota:** Exclusivo as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Exclusivo as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

21. O gráfico 1 aponta que, nas famílias nucleares, a presença dos filhos não influencia de forma significativa a taxa de desemprego das cônjuges, sendo que para aquelas que possuíam filhos era de 17,1% e para aquelas que não tinham filhos era de 16,1% (Gráfico 1).

**Gráfico 1**  
**Taxa de Desemprego das Cônjuges e das Chefias femininas**  
**segundo Tipo de Família**  
**Distrito Federal**  
**2007-2008**



**Fonte:** SEP. Convenio Seade-Dieese e MTE.FAT.

**Nota:** A amostra não comporta a desagregação da taxa de desemprego das mulheres que moram sozinhas.

### ***Os rendimentos das mulheres cônjuges ou chefes***

22. O **rendimento médio individual por hora** do trabalho das cônjuges nos casais com filhos era de, no biênio 2007/2008, R\$ 9,60, ao passo que as cônjuges pertencentes aos casais sem filhos possuíam ganhos de R\$ 9,42 (Tabela 6).

23. As chefes mulheres sem cônjuge e com filhos apresentaram, no período em análise, o menor rendimento (R\$ 9,35), não obstante contabilizarem as maiores taxas de participação e as mais baixas taxas de desemprego. Na realidade, a maior responsabilidade pelo sustento familiar e uma inserção mais precária no mercado de trabalho (marcada por trabalhos autônomos e atividades domésticas) se combinam no sentido de rebaixar os rendimentos das mulheres em posição de chefia nas famílias sem cônjuge.

24. Por outro lado, as mulheres que moram sozinhas percebiam o rendimento mais elevado no Distrito Federal: R\$ 12,05. A inserção no mercado de trabalho em posições ocupacionais de maior qualidade – muito provavelmente em decorrência da maior escolaridade e

por privilegiar a carreira profissional em detrimento da vida pessoal, sobretudo no caso das mais jovens – atua positivamente sobre os rendimentos das mulheres que moram sozinhas.

25. De acordo com a **renda familiar**, as mulheres chefes sem filhos e sem cônjuge situavam-se na pior posição no biênio 2007/2008, apresentando o menor rendimento *per capita* (R\$ 726).

26. Em situação mais favorável em termos de renda familiar estão as famílias onde as mulheres ocupam a posição de cônjuge com ou sem filhos: R\$ 952 e R\$ 1.683, respectivamente. O maior rendimento *per capita*, no entanto, era os das mulheres que moram sozinha (R\$ 1.803).

27. As cônjuges membros de famílias nucleares contribuem com menos de 1/3 da renda familiar total. No caso das famílias com filhos, as mulheres possuem uma participação de 27,5% na renda familiar total, ampliando para 32,3% nas famílias nucleares sem filhos.

28. Considerando a tendência de os filhos permanecerem na escola por mais tempo, adiando, assim, sua entrada no mercado de trabalho, e de as cônjuges aumentarem sua presença nesse mercado, vários estudos tem mostrado que a contribuição para a renda familiar dos primeiros têm diminuído e a das cônjuges aumentado<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Ver Mulher & Trabalho, vários números: [www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br), Em 2000/01, nos casais com filhos, as cônjuges jovens e adultas contribuíam com cerca de 20% do rendimento, sendo que entre as mais velhas essa proporção era menor (12,4%), devido à maior contribuição dos filhos, possivelmente já em idade produtiva.

**Tabela 6**  
**Rendimento Médio Real por Hora no Trabalho Principal das Ocupadas, Rendimento Médio Real Familiar Total, Rendimento Médio Real Familiar per Capita, das Cônjuges e Chefes Mulheres, segundo Tipo de Arranjo Familiar**  
**(1)**  
**Distrito Federal**  
**2007-2008**

Em reais de novembro de 2008

Cônjuges e Chefes Mulheres	Rendimento Médio Real por Hora do Trabalho Principal das Ocupadas <sup>(2) (3)</sup>	Rendimento Médio Real Familiar Total <sup>(4)</sup>	Rendimento Médio Real Familiar <i>per Capita</i> <sup>(4)</sup>
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos <sup>(1)</sup>	9,60	3.537	952
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos <sup>(1)</sup>	9,42	3.365	1.683
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos <sup>(1)</sup>	9,35	1.841	726
Mulher que Mora Sozinha	12,05	1.803	1.803

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

**Nota:** A família é composta pelos indivíduos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício. Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(3) Excluídos os ocupados que não trabalharam na semana.

(4) O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias ou pensões, do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. Inflator utilizado: ICV do Dieese. Valores em Reais de Novembro de 2008.

O tamanho da família é o total de indivíduos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

O Rendimento Familiar Per Capita corresponde ao rendimento familiar total dividido pelo tamanho da família.

29. Segundo os **grupos de rendimento médio familiar per capita**, as famílias com chefia feminina com filhos e sem cônjuge estão mais concentradas no estrato inferior de rendimento, seguidas das famílias nucleares com filhos (Tabela 7).

30. Com maior concentração nos estratos superiores de rendimento familiar *per capita*, estão as mulheres que moram sozinhas e as famílias composta por casal e sem filhos.

**Tabela 7**  
**Distribuição das Famílias com Cônjuges e Chefes Mulheres, por Grupos de Rendimento Médio Real Familiar per Capita (1), segundo Tipo de Arranjo Familiar**  
**Distrito Federal**  
**2007-2008**

Tipo de Arranjo Familiar	Total	Em porcentagem				
		Grupos de Rendimento Médio Real Familiar per Capita (1)				
		10% mais pobres	25% mais pobres	50% mais pobres	25% mais ricos	10% mais ricos
<b>Total (2)</b>	<b>100,0</b>	10,0	25,0	50,0	25,0	10,0
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos (3)	100,0	7,2	24,5	51,3	23,0	7,3
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos (3)	100,0	- (4)	10,3	31,1	36,7	18,1
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos (3)	100,0	20,8	42,5	64,4	17,2	5,5
Mulher que Mora Sozinha	100,0	13,7	15,7	43,2	33,8	21,6

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

(1) Os percentis referem-se ao rendimento apenas das famílias dos 4 tipos de arranjo familiar considerados.

(2) Exclui as famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(3) Exclui as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(4) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

### **Considerações Finais**

As cônjuges, nas famílias nucleares com ou sem filhos, a despeito do seu papel estruturador no âmbito familiar – de suas atribuições como dona de casa e/ou mãe de família – apresentam inserção crescente no mercado de trabalho, sendo sua taxa de participação a que mais se expandiu no âmbito familiar, como vários estudos tem demonstrado.

A comparação entre a inserção das cônjuges nas famílias nucleares com e sem filhos mostra que:

- As taxas de participação das cônjuges sem filhos (63,5%) são similares das cônjuges com filhos (65,5%);
- a taxa de desemprego daquelas que não têm filhos (16,1%) é menor do que a das cônjuges com filhos (17,1%);
- quando ocupadas, as cônjuges com filhos ganham os maiores rendimentos por hora e sua contribuição para a renda familiar é menos eqüânime ao do chefe.

As chefes mulheres com filhos e sem cônjuge, na maioria das vezes as únicas responsáveis pela sobrevivência familiar, e as mulheres que moram sozinhas, são as que apresentam as mais elevadas taxas de participação feminina no mercado de trabalho.

As semelhanças entre elas, no entanto, restringem-se apenas a esse aspecto. As primeiras – as chefes mulheres com filhos e sem cônjuge – apresentam, geralmente, precária inserção no mundo do trabalho, em ocupações menos qualificadas, com vínculos mais frágeis e com os rendimentos mais baixos – como o emprego doméstico e o trabalho autônomo –, corroborando a associação

desse tipo de arranjo familiar à maior vulnerabilidade e ao empobrecimento, conforme vários estudos<sup>6</sup>.

Já as mulheres que moram sozinhas apresentam as menores taxas de desemprego, se inserem em ocupações que exigem maior qualificação, geralmente com maior grau de formalização e estabilidade, além de receberem os maiores rendimentos médios por hora.

As maiores dificuldades de obtenção de um trabalho remunerado, enfrentadas pelas mulheres com filhos, indica que a maternidade é vista, muitas vezes, como um obstáculo pelo mercado de trabalho. Normalmente associa-se, de forma simplista e discriminatória, a contratação de mulheres mães e em idade reprodutiva a maiores gastos com encargos trabalhistas.

A entrada das mulheres de forma mais intensa no mercado de trabalho, dentre outros motivos, em busca de crescimento e emancipação profissional, fruto do aumento da escolaridade e da possibilidade de novos projetos profissionais, abre a possibilidade de se discutir mais profundamente o papel da mulher e do homem na família e na sociedade e a necessidade de compartilhar de forma mais igualitária as tarefas no lar e da educação e criação dos filhos.

O desafio de conciliar família e trabalho que está colocado para as mulheres não deve ser apenas um problema da mulher, mas precisa ser enfrentado por todos os membros da família.

---

<sup>6</sup> Ver, em especial, “Famílias chefiadas por mulheres”. Análises Especiais 2: Pesquisa de Condições de Vida – PCV. São Paulo: Seade, 1994 e. Montali, L. e Tavares, M. “Família, pobreza e acesso a programas de transferência de renda nas regiões metropolitanas brasileiras”. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Abep, realizado em Caxambu-MG, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

# **DIÉESE**



## **Executor no DF**



### **DIREÇÃO EXECUTIVA**

João Vicente Silva Cayres

*Presidente* – Sind. Metalúrgicos do ABC  
Carlos Eli Scopim

*Vice-presidente* – STI. Metalúrgicas de  
Osasco

Tadeu Morais de Sousa

*Secretário* – STI. Metalúrgicas de São Paulo  
Antonio Sabóia B. Junior

*Diretor* – SEE. Bancários de São Paulo  
Alberto Soares da Silva

*Diretor* – STI. Energia Elétrica de Campinas  
Zenaide Honório

*Diretora* – Apeoesp

Pedro Celso Rosa

*Diretor* – STI. Metalúrgicas de Curitiba  
Josemar Alves de Souza

*Diretor* – Sind. Energia Elétrica da Bahia  
Levi da Hora

*Diretor* – STI. Energia Elétrica de São Paulo  
Carlos Donizeti França de Oliveira

*Diretor* – FE em Asseio e Conservação do  
Estado de São Paulo (Femaco)  
Mara Luzia Feltes

*Diretora* – SEE. Assessoria Perícias e Porto  
Alegre  
Célio Ferreira Malta

*Diretor* – STI. Metalúrgicas de Guarulhos  
Eduardo Alves Pacheco  
*Diretor* – CNTT/CUT

### **DIREÇÃO TÉCNICA**

Clemente Ganz Lúcio – *Diretor Técnico*  
Ademir Figueiredo – *Coordenador de  
Estudos e Desenvolvimento*

Francisco J.C. de Oliveira – *Coordenador de  
Pesquisas*

José Silvestre Prado de Oliveira –  
*Coordenador de Relações Sindicais*

Nelson Karam – *Coordenador de Educação*

Claudia Fragozo dos Santos – *Coordenadora  
Administrativa e Financeira*

### **EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL**

Tiago Oliveira

Sergio Eduardo A. Mendonça

Lúcia dos Santos Garcia

Adalgiza Lara (coordenadora)

Fernanda Chuerubin (estatística)

Jansen Gader (programador/consistidor)

Maria Lúcia de Oliveira (apoio)